



## *O baldaquino tecido com ouro e prata para o trono de D. João V*

Maria Manuela Santana  
Conservadora das Coleções de Traje e Têxteis  
Palácio Nacional da Ajuda

Entre 1727 e 1730, o rei D. João V (1689-1750) encomenda em Bruxelas um sumptuoso dossel de trono tecido *de finissimas sedas, ouro, e prata*, uma obra original destinada ao Paço da Ribeira que ostentava um programa iconográfico exaltando o poder do monarca.

Se é interrogando a obra de arte, na sua materialidade, que usualmente se empreende um estudo, desaparecida a obra durante o Terremoto que arruinou Lisboa em 1755, foram os seus vestígios documentais o ponto de partida e o objecto deste trabalho, que assenta no procedimento historiográfico ou “noção operativa” *cripto-história de arte*.<sup>1</sup>

Não se conhecem documentação iconográfica ou obras paralelas.<sup>2</sup> Em contrapartida, a documentação textual é bastante expressiva.

As fontes, diversas mas complementares, desvendam a autoria dos cartões do dossel, as características da obra (dimensões, materiais e técnica, etc.), o seu programa iconográfico, os ateliês de tecelagem e a origem da encomenda.

Quando concluída esta obra, que fez *a admiração de Bruxellas*,<sup>3</sup> foi apreciada por várias personalidades da cidade. Segundo D. Luís da Cunha (1662-1749), embaixador de Portugal nos Países Baixos, a arquiduquesa Marie-Elisabeth, governadora dos Países Baixos e irmã da rainha de Portugal,<sup>4</sup> *teve a Curiosidade de mandar armar o Dosel na sua Galeria, e lhe deu tambem a sua aprovação q.<sup>e</sup> podera Custar Caro aos Fabricantes se o não houvessem retirado no dia antecedente, ao q.<sup>e</sup> disgracadam.<sup>te</sup> se queimou o Palacio.*

*O Duque da Lorena o foi também ver em casa dos mesmos Fabricantes e igualm.<sup>te</sup> admirou a sua riqueza e a sua execução...*<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Proposta por Vítor Serrão em *A Cripto-História de Arte: análise de obras de arte inexistentes*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

<sup>2</sup> Conhecem-se apenas dois desenhos da cadeira/trono em prata dourada que foi usada com o dossel. Estes foram executados por Juste-Aurèle Meissonier (1695-1750), entre 1728 e 1730, expostos em *Conceber as Artes Decorativas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005-2006 e publicados no respectivo catálogo, pp. 92-95.

<sup>3</sup> *Cartas de Dom Luís da Cunha, p.<sup>a</sup> Corte, e outras pessoas do Serviço de Sua Mag.<sup>de</sup> Escritas na Haya no anno de 1728, 1729 e 1730*. ANTT, MNE, Livro 795, Haia, 01.05.1730, fl. 266 (4.<sup>a</sup> numeração).

<sup>4</sup> Rainha consorte, D. Maria Ana Josefa de Áustria (1683 - 1754).

<sup>5</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, *Cartas para a Corte dos annos 1731\*1732\*1733*, correspondência de D. Luís da Cunha, Haia, 07.06.1731.

Em Lisboa, 19 anos mais tarde, o tão celebrado dossel ainda causava o mesmo assombro. Trono e dossel foram armados para a Aclamação de D. José I (1714-1777) em 1750 e, na expressão do cronista, *os estrangeiros, que concorrerão em grande numero a vello nos dias em que esteve exposto, (...) não cessarão de encarecer o valor, e estimação, e exquisito gosto de tão preciosa alfaya: e sendo o material da Cadeira prata massiça dourada, ainda excedia a preciosidade do metal, o artificio, a delicadeza, com que em debuxo, e relevos era formada.*<sup>6</sup>

No *Auto do levantamento e juramento* [de] *El Rey D. Josepho I...* Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, nomeado pelo monarca notário público para o *Real Auto*, especifica ainda que o *magnifico Docel de tapeçaria (...) tinha (...) cadeira, alcatifa, e sitial da mesma materia, que composta de finissimas sedas, ouro, e prata, demonstrava varias figuras, e emblemas...*<sup>7</sup>

O *Auto* traça um retrato detalhado da obra e ilustra o protagonismo do dossel de trono no contexto das ricas armações têxteis montadas na *Varanda* da Aclamação do monarca, uma construção efémera adossada ao Paço da Ribeira onde decorreu este aparatoso ritual.

### A bibliografia publicada

Esta encomenda do Magnânimo, o *dais ou baldaquin, travaillé avec or et argent*, foi louvada nas *gazettes* e literatura da época.<sup>8</sup> No século XX, volta a ser objecto de notas e artigos publicados na bibliografia internacional.

Coube a Marthe Crick-Kuntziger publicar em 1936 o que, aparentemente, constituiu a primeira nota sobre este dossel de trono. No artigo "Note sur le Trône en Tapisserie du Roi Jean V de Portugal" transcreve um excerto de *Mémoire de Grois*<sup>9</sup>, documento que identifica o autor do cartão do dossel de D. João V - J. Van der Heyden –, alguns detalhes iconográficos da obra e atribui a sua tecelagem às oficinas Leyniers.<sup>10</sup>

Documento já publicado no *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes (BANBA). Documentos relativos a Ourivesaria – Pintura – Arquitectura – Tapeçaria – Coches, etc.*, II, Lisboa, 1936, pp. 98-100.

Marthe Crick-Kuntziger, "Note sur le Trône en Tapisserie du Roi Jean V de Portugal", in *BANBA, ob. cit.*, pp. IX-XII, assinala igualmente o interesse dos notáveis da cidade em ver o dossel encomendado pelo rei D. João V.

<sup>6</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha (cronista); Francisco Luís Ameno (1713-1793), impr., *Auto do levantamento e juramento que os grandes títulos seculares, ecclesiasticos (...) fizeram [a] El Rey D. Josepho I ... em 7 de Setembro de 1750, Lisboa, na Offic. De Francisco Luiz Ameno, 1752, fls. 4-5.*

<sup>7</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *ob. cit.*, fls. 4-5.

<sup>8</sup> Charles-Louis de Pöllnitz, *Memoires de Charles-Louis baron de Pöllnitz*, 2e édition, Amsterdam-Londres, chez Charles Hogel, 1735, tomo IV, pp. 52-53, cit. por Guy Delmarcel e Frank Huygens "A Propos du Tapisserieur Jean-Baptiste Vermillion, du Cartonier Maximilien de Hase et d'Autres Ateliers Bruxellois du XVIII<sup>e</sup> Siècle", *Bulletin du CIETA*, Lyon, Centre International d'Études des Textiles Anciens, 1997, n<sup>o</sup> 74, p. 147. Guy Delmarcel, *La tapisserie Flamande du XVe au XVIIIe siècle*, Paris, Imprimerie Nationale Éditions, 1999, pp. 333-334, publica uns versos que, ainda em 1745, exaltavam a excelência do dossel.

<sup>9</sup> *Mémoire de Grois* - Rol da produção do ateliê Reydams-Leyniers entre ca. 1712 e 1734, da autoria de um francês de nome De Grois, incluso no chamado *Manuscrito Crick (aka Manuscript Crick)* c. 1734, pertencente a uma colecção particular belga.

O conteúdo do documento foi parcialmente publicado em 1908 por Ad. Reydams, *Les Reydams, tapisseries bruxellois*, Bruxelas, Vromant C<sup>o</sup>, Imprimeurs-Éditeurs e, na integra, por Koenraad Brosens em *A Contextual Study of Brussels Tapestry, 1670-1770: the Dye Works and Tapestry Workshop of Urbanus Leyniers (1674-1747)*, Bruxelas, Real Academia de Ciências e Arte da Bélgica, 2004, pp. 249-259.

<sup>10</sup> *Explication de la représentation du Dais de Sa Majesté le Roy de Portugal inventé et peint par Jean Vander Heijden Peintre et Architecte*, in *BANBA*, pp. IX-XII.

Marie-Thérèse Mandroux-França, na sua vasta obra dedicada à política artística e aquisições de arte joaninas, documenta a encomenda e produção do dossel salientando que os cartões de Van der Heyden foram uma criação original e não uma réplica de modelos antigos.<sup>11</sup>

Guy Delmarcel<sup>12</sup> afirma, em 1999, que *des documents de l'époque font état à plusieurs reprises d'un baldaquin représentant des allégories, tissé dans la manufacture d'Urbain et Daniel Leyniers à la demande de Jean V, roi du Portugal*.

Na mesma obra divulga uns versos que, em 1754, mais de duas décadas depois, enalteciam ainda a magnificência deste dossel. Elogiavam a mestria e arte do tapeceiro, dizendo ser em Portugal que se podia ver a sua obra mais bela, o trono real.

Em *Tapeçarias da Casa Real Portuguesa em Setecentos: a Coleção do Palácio Nacional da Ajuda*,<sup>13</sup> registam-se algumas das fontes textuais que documentam a encomenda e/ou a produção deste dossel de trono. A pesquisa incidiu sobre diversos fundos, em particular o do Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros.<sup>14</sup>

Mais recentemente, Koenraad Brosens publicou a nota *Thrones and canopies for King João V of Portugal and Empress Maria Theresa*.<sup>15</sup>

### As fontes textuais

A correspondência diplomática mantida entre o embaixador de Portugal nos Países Baixos, D. Luís da Cunha, e a Corte de Lisboa constitui o fundo documental mais completo para o conhecimento do chamado *dossel* de D. João V. As missivas de D. Luís da Cunha documentam as etapas da encomenda e produção desta obra destinada ao Paço da Ribeira: as negociações da Coroa com pintores e tapeceiros, o longo processo de tecelagem nas oficinas dos mestres Urbanus Leyniers (1674-1747) e Jean-Baptiste Vermillion (1680-1748), o pagamento e expedição para Lisboa desta obra que, na expressão de D. Luís da Cunha, *sendo executadas conforme o seu projecto sera o mais rico movel que neste genero até agora se viu...*<sup>16</sup>

Foi a consulta deste fundo que permitiu demonstrar a co-produção Leyniers-Vermillion do dossel. A *Memoire de Grois* elenca a sua tecelagem no rol da produção do ateliê Reydams-Leyniers não mencionando a participação de Vermillion. Aparentemente, por esta razão não era mencionada na bibliografia dos Países Baixos. Podem citar-se diversos excertos documentais<sup>17</sup> que atestam esta parceria não existindo quaisquer indícios da participação de Vermillion na qualidade de subcontratado de Leyniers.

---

<sup>11</sup> Sobre os cartões para o dossel Marie-Thérèse Mandroux-França afirma: *Il ne s'agissait plus de la répétition de cartons célèbres, et pour certains déjà anciens, mais d'une création originale dont les projets furent confiés, sur place, à Jean van der Heyden, (...) dont l'ambassadeur utilisait déjà les services pour d'autres entreprises royales*, in Marie-Thérèse Mandroux-França (dir. e coord.), *Catalogues de la Collection d'Estampes de Jean V Roi de Portugal par Pierre Jean Mariette*, 3 vols., Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca Nacional de Paris, 2003, p. 89-90.

<sup>12</sup> Obra de referência para o estudo da tapeçaria flamenga, *La tapisserie Flamande du Xve au XVIIIe siècle*, Paris, Imprimerie Nationale Éditions, 1999, pp. 333-334.

<sup>13</sup> Maria Manuela Santana, tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2005, pp. 26, 41-43, 67, 73. No que toca ao dossel de trono de D. João V, as pesquisas incidiram nos fundos do MNE, em particular na correspondência diplomática de D. Luís da Cunha para a Corte.

<sup>14</sup> Algumas destas fontes já estavam publicadas. As fontes publicadas em datas anteriores à apresentação desta tese estão devidamente assinaladas em nota de roda-pé.

<sup>15</sup> [https://www.academia.edu/11629986/Thrones\\_and\\_canopies\\_for\\_King\\_](https://www.academia.edu/11629986/Thrones_and_canopies_for_King_)

<sup>16</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fl. 79 (1ª numeração).

<sup>17</sup> ANTT, MNE, Livro 795.

É ainda este fundo documental que desvenda os itens que compunham o designado dossel de trono. Para além do *grande painel ou costas do dossel*, são referidas as outras peças do conjunto, *que são o tapete o pano do bufete e a cadeira*.<sup>18</sup> A *Memoire de Grois* apenas mencionava um espaldar de dossel e um tapete.

Em suma, este fundo identifica a autoria dos cartões – Jean Van der Heyden<sup>19</sup> -, os ateliês de tecelagem – Vermillion e Leyniers -, a origem da encomenda – o rei D. João V -, características da obra – as quatro peças que o compunham e alguns detalhes iconográficos – além de ilustrar todo o *modus operandi*, o processo das encomendas e aquisições artísticas para a corte de Lisboa e as relações (por vezes complexas) do Embaixador com os *cartonniers*, os mestres-tapeceiros, peritos, marchands, banqueiros, etc.

O *Auto do levantamento e juramento* do rei D. José I em 1750 constitui mais outro passo na “descoberta” desta obra única.

Esta colorida e minuciosa descrição identifica igualmente as quatro peças do dossel, especifica as suas dimensões, as inscrições, os motivos heráldicos e alegóricos presentes em cada um dos itens: espaldar e cobertura do dossel, tapete de estrado, cadeira e sitial. O que foi encomendado como pano de bufete, na Aclamação de D. José I foi usado no sitial.

Portanto, a mais relevante informação conhecida sobre o dossel de trono está centrada em três fontes coevas: um documento de origem flamenga (*Memoire de Grois*), duas fontes de origem portuguesa, o auto da Aclamação e todo um fundo documental formado pela correspondência diplomática do embaixador D. Luís da Cunha, conservado em arquivos nacionais, nomeadamente no ANTT, no arquivo histórico-diplomático do MNE, na BACL e na Biblioteca da Casa de Bragança.

Partindo dos fundos nacionais, discriminam-se alguns dos excertos documentais mais significativos.

### Os cartões de Van der Heyden

É ainda no ano de 1727 que a Corte de Lisboa incumbiu D. Luís da Cunha de encomendar um décor em tapeçaria para um trono real: um dossel e um tapete para o estrado. Desde logo, o Embaixador exprime com clareza o seu parecer sobre a obra: o dossel devia ter, além do tapete, uma cadeira e um pano para cobrir o bufete, ponderando que, embora nem em França nem em Inglaterra se usasse um *Boffete debaixo do dossel* (...) [isso não bastava] *para que se altere o nosso Costume*. Recomendava ainda que *os claros de toda esta obra fossem de oiro*.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 28.09.1730, fls. 391-392 (4ª numeração) correspondência endereçada de Haia por D. Luís da Cunha ao *Abade D.º de Mend.ª*: A cadeira do dossel mencionada nesta correspondência deverá corresponder a um revestimento em tapeçaria com o qual se “vestia” esta peça em determinadas ocasiões.

<sup>19</sup> Jean Van der Heyden, pintor, desenhador e engenheiro militar de Antuérpia. Este pintor estava identificado como autor dos cartões em *Mémoire de Grois*.

<sup>20</sup> ANTT, MNE, Livro 794, 13.10.1727, fl.113.

Quanto aos cartões, o Embaixador propõe dois modelos a submeter à apreciação real. Em 14 de Novembro do mesmo ano, ainda se dizia *esperando saber qual dos dous desenhos SM escolhe*.<sup>21</sup> A missão foi entregue ao pintor e *cartonnier* Jean Van der Heyden e, em Maio de 1728, D. Luís da Cunha comunicava à Corte: *Eu fiz pintar a Vanderheide hum modelo pequeno, quero dizer de cinco ou seis palmos que mostrey a outros Pintores e Curiosos os quais acharão assim a ordenação como tudo o mais e fica trabalhando no padrão que hade servir*.<sup>22</sup>

De forma diligente, o Diplomata consulta especialistas reconhecidos no meio para que a obra corresponda ao pretendido, sem erros de desenho ou de técnica.

Existem evidências desta prática aplicada, nomeadamente, às armações *História de Telemaco*, à *História S.t<sup>a</sup> e a de Achilles* que o Embaixador afirma ter examinado *com os expertos os quais as acharão executadas conforme os seus contratos, e me parecerão muito bem*.<sup>23</sup>

Da mesma forma, os modelos de Van der Heyden foram emendados por *Van Horlen*<sup>24</sup> e ainda enviados a Paris para a apreciação de Juste-Aurèle Meissonnier (1695-1750), *Architeto, e desenhador* do rei Louis XV.<sup>25</sup>

Em memória enviada de Bruxelas, o diplomata refere as *observações* que [Meissonnier] *fizera no desenho do ducel*, que prontamente mandou *emmendar como por exemplo a de estarem as Famas asentadas quando devem voar e a de não dar aos lados do sobre ceo* [ilegível] *a mesma figura que tem na frente (...)*

Aparte destes ajustes na figuração do espaldar e *sobre ceo* do docel, as demais peças teriam sido *inteiram.<sup>te</sup> aprovadas...*

D. Luís da Cunha comenta *cada hum dos desenhos* e acrescenta: *Logo que Vanderheyde tiver feito o grande painel ou costas do dossel em que esta trabalhando mo mandara a Haia para que eu o examine*.<sup>26</sup>

<sup>21</sup> ANTT, MNE, Livro 794, 14.11.1727, fl.120.

Quanto à encomenda dos modelos, D. Luís da Cunha refere ter falado, com este propósito, *a Mr de Vos e a Mr Vander Heiden os quais ainda me não trouxerão os desenhos e por [?] me trouxe Vermilhão o seu que também remeto e não me agrada*. ANTT, MNE, Livro 794, 13.10.1727, fl.113.

O modelo escolhido foi, como se sabe, o de Van der Heyden. O segundo modelo, terá sido intermediado por Judocus de Vos (1661/2-1734), mestre-tapeceiro/empresário?

Na correspondência de Francisco Mendes de Góis existe um registo de pagamento assinado por “Tuby peintre do Roy”, de Paris, redigido nos seguintes termos: *Je reconnais avoir recu de Mr Jans*

*La somme de quarante Livres pour un dessin de dais que je luy et fait a paris. Le 4 Juin 1729.*

*Em nota: Jay payé de mon argent pour Monsieur Mendes les 40 [?] de celle quittance qu’il dois me rendre.* Arquivo Histórico-Diplomático do MNE, Fundo Francisco Mendes de Góis, Caixa 18, pasta 36 – 1.

*Mr. Jans* é, provavelmente, o mestre-tapeceiro da Real Manufactura dos Gobelins, cuja correspondência com Mendes de Góis é conhecida. Quanto a *Tuby*, poderá tratar-se de Jean-Baptiste Tuby II, pensionista da Real Manufactura dos Gobelins, mais conhecido como escultor? Aparentemente, foi autor de um dos modelos propostos para o trono de D. João V.

<sup>22</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 21.05.1728, fl. 57 (1ª numeração).

*Palmos*: antiga unidade de medida que corresponde a 8 polegadas, isto é, 22,5 cm. Os modelos enviados teriam assim cerca de 110-130 cm.

<sup>23</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 21.05.1728, fls. 56-57 (1ª numeração).

<sup>24</sup> Também designado como *Van Orlen*. Poderá tratar-se do pintor Jan van Orley (1663-1735)?

ANTT, MNE, Livro 795, Haia, 07.07.1729, fl. 178 (3ª numeração); ANTT, MNE, Caixa 789, Correspondência de D. Luís da Cunha dirigida a Marco António de Azevedo Coutinho, 23.04.1729.

<sup>25</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fls. 75-76 (1ª numeração). Sobre Meissonnier, veja-se Peter Fuhring *Un Génie du Rococo: Juste-Aurèle Meissonnier, 1695-1750*, Turim/Londres, 1999.

<sup>26</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fls. 75-76 (1ª numeração).

Em Julho de 1728, de Haia, envia à Corte informação sobre *o estado em que se acha os Padroes para o Docel e suas pendencias*.<sup>27</sup>

Apesar de estar já em curso a tecelagem, em Abril de 1729 os cartões continuavam a sofrer alterações: *Aqui tive os Padroes do Docel em que ainda mandei emendar alguns defeitos que lhe achei nas peças que Van horlen não retocou e ja o creyo principiado [estimo(?)] que vos deixe cahir em boa parte o enfado que elles vos tem dado*.<sup>28</sup>

A 7 de Julho de 1729, foi remetida para a Corte *a Copia do Contracto e sua Tradução para fabricar parte do Dozel*.<sup>29</sup> Na mesma seguia *a explicação do que simbolizão as Figuras do Dozel de que Pasqual [levava] os Modelos e a indicação de que Van Orlen emendou algumas faltas que Van de K[H]eyden fez, e se poderão ver nos ditos Modelos, como por exemplo nas figuras que representam a Justiça, e a Liberalidade, os Anjos de sobre-Ceo (...)*.

Foram igualmente emendadas as flores, por um *pintor florista*.<sup>30</sup>

### **A tecelagem nas oficinas de Leyniers e Vermillion**

Entre 1727 e 1731, ano da expedição do dossel para Lisboa, D. Luís da Cunha dirige memorandos à Corte detalhando, não apenas as considerações de pintores e curiosos aos modelos de Van der Heyden, mas igualmente as etapas do processo de produção nas oficinas dos mestres-tapeceiros e marchands Urbanus Leyniers e Jean Baptiste Vermillion.

A tecelagem do dossel estaria já em curso no mês de Agosto de 1728, uma vez que o embaixador acusava a recepção de uma *Carta de Vermillon, e Liniers, em que me avizão terem posto nos Teares alguas das peças que tocão ao Docel, conforme seus contratos*.<sup>31</sup>

A seguinte passagem da correspondência de D. Luís da Cunha é muito clara sobre a forma como os dois mestres dividiram entre si a tecelagem das diferentes peças e na identificação da oficina de Leyniers como autora do espaldar ou *grande painel do dossel*:

*Remeto a V. S.<sup>a</sup> os desenhos (...) que acompanham o docel no qual Leyniers e Vermillion repartirão toda essa obra em duas partes e tirarão por sortes as pesas que cada hum devia fazer cahindo a do grande painel do Docel a Leiniers o que estimei m.<sup>10</sup> porque a sua fabrica me pairesse alguma couza melhor*.<sup>32</sup>

Embora de forma menos clara a documentação sugere que à mesma oficina “tocou” a tecelagem da cadeira.<sup>33</sup>

Dada o elevado valor desta encomenda tecida a fios de ouro e prata, foi confiado a Jean de Clèves o controlo da execução da obra nos termos dos contratos.<sup>34</sup>

A 16 de Agosto de 1729, D. Luís da Cunha afiançava a qualidade dos materiais usados na tecelagem: *Eu visitei com Pessoas inteligentes o ouro que Vermillon e Leyniers empregão no*

<sup>27</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 29.07.1728, fls. 114-115 (1ª numeração).

<sup>28</sup> ANTT, MNE, Caixa 789, Correspondência de D. Luís da Cunha dirigida a Marco António de Azevedo Coutinho, 23.04.1729.

<sup>29</sup> ANTT, MNE, Livro 795, Haia, 07.07.1729, fls. 177-178 (3ª numeração).

<sup>30</sup> ANTT, MNE, Livro 795, Haia, 07.07.1729, fl. 178 (3ª numeração).

<sup>31</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 26.08.1728, fl. 51 (2ª numeração).

<sup>32</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fl. 76 (1ª numeração).

<sup>33</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 30.12.1730, fls. 479-481 (4ª numeração), ...*Vermilhão dificulta acabarsse a Cadeira em seis meses mas como ella toca a Leiniers que me não diz o mesmo não passarei letra para fazer o ultimo pagamento sem que toda a obra se acabe...*

<sup>34</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, 31.05.1731 e 07.06.1731. *Cartas para a Corte dos annos 1731\*1732\*1733*. Documento publicado no BANBA, *ob. cit.*, pp. 98-100.

*Docel, que conforme os seus contratos há de ser sobredourado de Paris, e achei que delle se servirão, como também da melhor Seda, e melhor Lam...*<sup>35</sup>

Quando concluída, a qualidade da obra e o cumprimento dos termos dos contratos foram certificados por outros dois fabricantes:

*Como eu não podia ser Juis Competente p.<sup>a</sup> Julgar se ella estava executada em todas as Circunstancias expressadas no Contracto q.<sup>e</sup> em seu tempo remeti a V.S. dei a M.<sup>r</sup> de Cleves a comissão p.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> dous Fabricantes fizessem o exame, e estimassem o q.<sup>e</sup> Liniers, e Vermillon merecião de mais a mais pela prata q.<sup>e</sup> meterão em toda a obra, por ser hum arbitrio q.<sup>e</sup> se tomou depois de feito o d.<sup>o</sup> contracto, e q.<sup>e</sup> não so a enriqueceu mas tambem a realsou.*

*Da certidão juncta vera VS., q.<sup>e</sup> os dous Fabricantes Jurarão perante o Notario q.<sup>e</sup> a obra estava feita conforme as condições do contrato, e q.<sup>e</sup> Liniers, e Vermillon, merecião huma pistola de augmentação em cada vara pela Prata q.<sup>e</sup> meterão e mayor dificuldade do trabalho.*<sup>36</sup>

Em Agosto de 1730 os tapeceiros recebiam o pagamento da segunda terça parte do Dosel. Em carta de 10, dirigida ao Secre.<sup>io</sup> de Estado, D. Luís da Cunha remetia *Dous recibos hum de João Bap.ta Vermilhão e outro de Urbano Liniers aos quais conforme o seu contrato mandei dar por mão de Pedro Ruter a segunda terça da importância do Docel que por ordem de S.M. estão fabricando.*<sup>37</sup>

Ao Tezour<sup>o</sup> dos gastos secretos afirmava ter passado no primeiro do mês *uma letra de Cambio de 3606 Cruzados a favor de P<sup>o</sup> de Ruter para pagar aos fabricantes de Tapessaria em Bruxelas a segunda terça do Dosel que fazem p<sup>a</sup> S.M.*<sup>38</sup>

A 30 de Dezembro de 1730, o Embaixador remete para Lisboa uma carta de Vermillion, onde este afirmava estarem concluídas todas as peças do dossel excepto a cadeira, ou seja, a peça para “vestir” a cadeira. Concluía ser *necess.<sup>o</sup> pagar pelo que o Escultor e Dourador pede pella cadeira visto q. a Tapessaria se não pode fazer sem que por ella se ajuste, depois de estar armada.* Referia ainda não estar na disposição de passar a letra para fazer o ultimo pagamento sem que *toda a obra se acabe e se examine para ver se esta conforme o contrato e que a augmentação merece a adição da prata.*<sup>39</sup>

<sup>35</sup> AN/TT, MNE, Livro 795, 16.08.1729, fls. 177-180 (3<sup>a</sup> numeração).

Aparentemente por iniciativa de Vermillion, ao contrato foi acrescentado o valor de fio de prata ou de um determinado fio de prata a ser usado *no claro do branco que representam as bandeiras dessa cor...* (...) PS. *Pela carta junta que agora recebo de Vermelhão vera V S<sup>a</sup> o estado em que elle tem as sobreportas e a parte do Dosel que faz, e pelo que toca ao fio de prata de que fala, vim a ser sabersse d'elle se deve servir no claro do branco que representam as bandeiras dessa cor as [?] V S<sup>a</sup> o que me parece justo porque [?] em tudo seja igual.* ANTT, MNE, Livro 795, 26.01.1730, fls. 72-74 (4<sup>a</sup> numeração).

O acrescimento do valor da prata foi pago aos fabricantes. BACL, Série Azul, Livro 606, 31.05.1731.

<sup>36</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, 07.06.1731.

Alguns dias antes o Embaixador enviava à Corte uma outra missiva de idêntico teor: *Hoje espero aos Tapesseiros Vermilhão e Leniers com o dossel e mais pesas q.<sup>e</sup> a comp<sup>a</sup> depois de se haverem examinadas por outros dous Fabricantes em presença de João de Cleves a quem dei a comissão, e devem trazer huma certidão autentica dos taes fabricantes e q declarão q tudo esta feito conforme ao contracto e o valor da prata q.<sup>e</sup> depois se lhe ajuntou desorte q.<sup>e</sup> tudo podera ir ainda neste mesmo Navio.* BACL, Série Azul, Livro 606, 31.05.1731. Documento já publicado no BANBA, *ob. cit.*, pp. 98-100.

<sup>37</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 10.08.1730, fls. 369 (4<sup>a</sup> numeração).

<sup>38</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 10.08.1730, fls. 369-370 (4<sup>a</sup> numeração).

<sup>39</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 30.12.1730, fls. 479-481 (4<sup>a</sup> numeração), 7<sup>o</sup> *Outra Carta de M.<sup>r</sup> Vermilhão pela qual VS<sup>a</sup> Vera que as partes do Dosel [?] estão acabadas excepto a cadeira, e como depois do primeiro contrato pareceu enriquecer a obra, tambem com fio de prata trabalhada porque fosse mais rica assim o dito Vermilhão como*

Finalmente, a 7 Junho de 1731, D. Luís da Cunha anuncia a expedição, para Lisboa, do dossel de trono e dos seus cartões: *Alem dos fardos vai huma Caixa com os Modelos sobre os quais se trabalhou o Dossel, e mais pessos...*

Os modelos pintados, os chamados cartões, podiam constituir uma decoração mural não despicienda. Na mesma carta, o Embaixador sugere a *armação* dos cartões de Van der Heyden nos paços de Mafra ou Belém: *...como custarão tanto dinheiro, e são tambem pintadas, creyo q.<sup>e</sup> juntas, e grudadas as suas partes se podera armar em Mafra, ou em Belem, e o Frances q.<sup>e</sup> fas os Leques lhe podera passar o seu vernis com que ficara m.<sup>to</sup> lustrozo...*<sup>40</sup>

Esta não era uma prática inédita. Nos finais do século XVII, os cartões da série *Actos dos Apóstolos* de Rafael estiveram expostos no Palácio de Hampton Court por indicação do rei Guilherme III.<sup>41</sup>

A excepcionalidade da obra justifica ainda recomendações especiais de conservação: *Se o Dossel se armar na sala das Embaxadas ou em qualquer outra sera preciso que esteja cuberto porq.<sup>e</sup> o ar do mar necessariam.<sup>te</sup> ha de desbotar, o ouro e prata, o q.<sup>e</sup> se pode fazer com huma [?] q.<sup>e</sup> corra por varetas a roda do Dossel como se faz a roda dos Leitos, A Obra he m.<sup>to</sup> rica, e m.<sup>to</sup> excellente p.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> senão procure com o resguardo a sua Conservação.*<sup>42</sup>

### O “percurso de vida” do dossel de trono

Não se conhece o “percurso de vida” deste dossel de trono, nem os cenários de aparato em que, supostamente, terá figurado ao serviço da representação de poder de D. João V. Só em 1750 é conhecida a sua presença na cerimónia da Aclamação de D. José I. Apenas cinco anos depois, como tantas outras obras artísticas insubstituíveis, desapareceu no Terremoto de 1 de Novembro.

O auto redigido por Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *Fidalgo da Casa de Sua Magestade e Escrivão da Sua Câmara* constitui um testemunho precioso do cerimonial da Aclamação ou Levantamento régio.

Descreve minuciosamente o traçado da *Varanda*, as sumptuosas armações montadas para a ocasião e toda a obra, dirigida *pela sabia conducta de D. Henrique José da Costa e Sousa, Conde de Soure, Provedor das Obras Reaes, que soube desempenhar a magnificencia da Obra, que pedia a grandeza da função.*<sup>43</sup>

---

*Leiniers pedem huma pistola mais em cada vara porque não posso consentir[?] do Dossel e mais partes em que partes fizerão estes fabricantes entrar a dita prata. Vermilhão difficulta acabarsse a Cadeira em seis meses mas como ella toca a Leiniers que me não diz o mesmo não passarei letra para fazer o ultimo pagamento sem que toda a obra se acabe e se examine para ver se esta conforme o contrato e que a augmentação merece a adição da prata.*

*Como o dito Vermilhão viu os recibos que os pintores derão a Leiniers do que lhes pagou por haverem emendado alguns defeitos que se achavão nas figuras [e] flores, sera preciso que se lhe paguem e tambem sera necess.<sup>o</sup> pagar pelo que o Escultor e Dourador pede pella cadeira visto q. a Tapessaria se não pode fazer sem que por ella se ajuste, depois de estar armada.*

*G.<sup>de</sup> D.<sup>s</sup> a VS.<sup>a</sup>. Haia 30 de X.<sup>bro</sup> de 1730.*

<sup>40</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, Haia, 07.07.1731. Documento publicado no *BANBA, ob. cit.*, p. 100.

<sup>41</sup> Estes cartões foram oferecidos pela Rainha Vitória ao Victoria e Albert Museum, estando actualmente na Galeria dos Cartões de Hampton Court uma cópia dos originais.

<sup>42</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, *Cartas para a Corte dos annos 1731\*1732\*1733*. Documento publicado no *BANBA, ob. cit.*, p. 100.

<sup>43</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *ob. cit.*, fl. 3.



A *Varanda*,<sup>44</sup> estrutura efémera adossada ao Paço da Ribeira no Terreiro do Paço, principiava no mesmo pavimento da Sala dos Tudescos, por onde tinha a entrada, [e] hia rematar no Torreão do Forte [tinha] trezentos e setenta palmos de comprido e quarenta de largo.<sup>45</sup> era toda a fabrica de madeira fingindo pedra, com tal artifício e magestade, que supprindo a diferença da materia com os ornatos da architectura, fazia huma bellissima prespectiva.

Era sustentada por dezasseis colunas em balaustrada e construída a uma altura de vinte e dous palmos do plano do Terreiro do Paço até ao pavimento, e deste até o tecto, e cobertura da dita varanda<sup>46</sup> quarenta e dois palmos entre base, columna, capitel e cimalha.

A varanda foi concebida em seis degraus, cobertos com preciosas alcatifas. No último, destacava-se uma das insígnias reais presentes no cerimonial – o trono – com o seu dossel. Na expressão do cronista, o sexto degrau pertencia ao *Throno*, e ao *Auto de Juramento*, que se havia de fazer a Sua Magestade Fidelissima...<sup>47</sup>

O que se pode apurar-se sobre as características e a iconografia deste magnífico *Docel de tapeçaria*, mais concretamente, sobre este conjunto de dossel com espaldar e cobertura ou *sobre ceo*, cadeira, alcatifa e sítial tecidos em lã, seda, ouro e prata?

### **Espaldar com sobre ceo**

A parte superior ou *sobre ceo*, tinha sanefas decoradas com *huma franja*. D. Luís da Cunha enviou o modelo desta franja para ser manufacturada em Portugal pois, na sua opinião, nem em *Bruxellas*, nem aqui [Haia] a *Saberião* fazer, e *Custaria o dobro*.<sup>48</sup>

Na mesma parte do Dossel, diz o Auto que *se via huma Estrella, em huma tarja com a letra “A summo Coelo egressio ejus”*. Será que a descrição se aplica à parte frontal?<sup>49</sup> D. Luís da Cunha refere também uns *Anjos de sobre-Ceo*, representados nos cartões de Van der Heyden ...<sup>50</sup>

Pedro Norberto de Aucourt e Padilha descreve o que aparenta ser a figuração da parte horizontal do *sobre ceo* do dossel: *Na parte do Docel, que cobria a Cadeira, em que Sua Magestade estava assentado, se via huma figura de mulher sustentando com tres Genios a Corôa, e o Cepetro, e por baixo a letra: “Ecce constitui te super gentes, et regna”*.

O **espaldar** do dossel tinha *vinte e cinco palmos de altura e treze de largo*.<sup>51</sup>

Tinha representadas as Armas coroadas do Reino de Portugal, e os deuses Marte e Palas Atena. Acima do Escudo de Armas, *a Fama*<sup>52</sup> tocando em *huma trombeta*, e pouco abaixo a figura da

<sup>44</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *ob. cit.*, fl. 2.

<sup>45</sup> Cerca de 81 metros de comprimento e 9 metros de largura.

<sup>46</sup> Construída cerca de 4,95 metros acima do nível do Terreiro do Paço. Desde o pavimento até à cobertura tinha cerca de 9,45 metros.

<sup>47</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *ob. cit.*, fl. 3.

<sup>48</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, *Cartas para a Corte dos annos 1731\*1732\*1733*. Carta de 07.06.1731. Documento publicado no BANBA, *ob. cit.*, p. 100. Ainda no mesmo mês remete o *conhecim.<sup>10</sup> do Docel, com o modelo da Franja, q.<sup>e</sup> devera Acompanhar as sanefas como VS. vera na carta de Vermillon...* Carta de 14.06.1731.

<sup>49</sup> Seguindo as instruções do pintor Meissonier, não deveria dar-se aos *lados do sobre ceo a mesma figura que tem na frente*. Presume-se que as instruções tenham sido acatadas e as laterais tivessem uma figuração diferente. ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fls. 75-76 (1ª numeração).

<sup>50</sup> Segundo D. Luís da Cunha, *Van Orlen emendou algumas faltas que Van de K[H]eyden fez, e se poderão ver os ditos Modelos, como por exemplo nas figuras que representam a Justiça, e a Liberalidade, os Anjos de sobre-Ceo Etc.<sup>a</sup>* ANTT, MNE, Livro 795, 16.08.1729, fls.175-180 (3ª numeração).

<sup>51</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *ob. cit.*, fl. 3. O dossel tinha cerca de 5,63 metros de altura e 2,93 metros de largura.

*Justiça, e a da Abundancia, espalhando grande copia de moedas de ouro, com vários Genios allusivos a estas virtudes.*

*Na parte inferior prezos entre muitos troféos militares diversos barbaros [os povos dominados?]. Nas cercaduras do dossel quatro emblemas estavam dibuxados, dous de cada parte (...), sendo o primeiro huma Mão com o Cetro, e a letra: “Fecit potentiam in brachio suo”. O segundo huma figura sustentando o Escudo das Armas Portuguezas com a letra: “Fundamenta ejus in montibus sanctis”. O terceiro huma Náu sulcando o mar, com a letra: A Solis ortu usque ad occasum. O quarto hum Rayo despedido das nuvens, com a letra: “Turbabuntur gentes, et timebunt”.<sup>53</sup>*

Como se depreende das palavras de D. Luís da Cunha, a tecelagem do espaldar ou *grande painel do Docel* coube às oficinas Leyniers.<sup>54</sup>

### **Cadeira**

Este conjunto em tapeçaria foi usado com um precioso trono de prata dourada concebido segundo modelo de Juste-Aurèle Meissonnier. Aplicadas no topo do espaldar do *fauteuil* ou trono, as armas reais destacavam-se deste e recolocavam-se sobre a peça em tapeçaria que “vestia” a cadeira.<sup>55</sup> Por esta razão, a 30 de Dezembro de 1730 estavam já concluídas todas as peças do dossel excepto a peça para a cobrir, *visto q. a Tapessaria se não pode fazer sem que por ella [a cadeira em prata dourada] se ajuste, depois de estar armada.*<sup>56</sup>

### **Tapete de estrado ou alcatifa**

É o texto *Mémoire de Grois* que nos esclarece sobre a iconografia desta peça. *Le tapis ou l’estrade qui est sous les pieds de sa Majeste. sur les quelles ont at mis les Heresies et vices en figures parce qu’un Roij est l’image de Dieu sur la terre il paroît juste que sa ditte Majeste (...) ait cette prerogative par Exce. que de marcher sur les vices et les infideles.*

Além das alegorias aos vícios e alusões às heresias, no tapete podia ler-se a seguinte inscrição: *Ponam Innimicos tuos scabellum pedum tuarum.*<sup>57</sup>

### **Pano de bufete / sitial**

Não estão identificadas a iconografia ou quaisquer características da peça que foi encomendada como pano de bufete. Presume-se que em 1750, no cerimonial da Aclamação de D. José I, este acessório tenha sido usado no sitial do juramento.

<sup>52</sup> Uma das alterações introduzidas por Meissonnier aos cartões do dossel foi na representação da **Fama**. Nas palavras de D. Luís da Cunha, *Meissonnier Architetto, e desenhador del R. de França fizera no desenho do ducel [alterações] que sem embargo de ter em pouca consideração mandei logo emmendar como por exemplo a de estarem as Famas asentadas quando devem voar...* ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fls. 75-76 (1ª numeração).

<sup>53</sup> Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, *ob. cit.*, fls. 3-4.

<sup>54</sup> *...Leyniers e Vermillion repartirão toda essa obra em duas partes e tirarão por sortes as pesas que cada hum devia fazer cahindo a do grande painel do Docel a Leiniers...* ANTT, MNE, Livro 795, 18.06.1728, fls. 75-76 (1ª numeração).

<sup>55</sup> Peter Fühling, *Juste-Aurèle Meissonnier. Un génie du rococo, 1695-1750*, vol II, Turim-Londres, Umberto Allemandi & C., 1999, p. 192. O trono em prata dourada tem sido objecto de estudo por parte deste autor. É também objecto de um capítulo no catálogo da exposição *Conceber as Artes Decorativas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005-2006, pp. 92-95. Nesta exposição foram expostos dois desenhos da cadeira, executados por Juste-Aurèle Meissonnier entre 1728 e 1730.

<sup>56</sup> ANTT, MNE, Livro 795, 30.12.1730, fls. 479-481 (4ª numeração).

<sup>57</sup> Koenraad Brosens, *A Contextual Study of Brussels Tapestry, ...*, p. 259.

Recorde-se que foi por sugestão do embaixador D. Luís da Cunha que se teceram as peças para a cadeira e para cobrir o bufete. Este argumentava não existir qualquer motivo para alterar *nosso Costume* que era usar um *Boffete debaixo do dossel...*<sup>58</sup>

Este texto panegírico deixa-nos, como se viu, um retrato nítido da configuração e programa iconográfico do dossel de trono tecido para o Magnânimo. Deverá ter tido o merecido destaque no quadro das vastas encomendas reais aos mais afamados ateliês flamengos e franceses.

É conhecida a política cultural de João V, as notáveis colecções de arte e artigos de luxo que reuniu através dos seus embaixadores nas cortes europeias. Apesar de se ter perdido no Terremoto o essencial das avultadas aquisições do monarca, os arquivos históricos preservam alguns dos seus testemunhos. Estes comprovam a magnitude das encomendas joaninas e a sua excelência dado que, como observava D. Luís da Cunha, *El R.N.S. (...) não se contentava do bom se não do melhor.*<sup>59</sup>

### Fontes

- ANTT, MNE, livros 794-795, caixa 789.
- BACL, Série Azul, Livro 606.
- Pedro Norberto de Aucourt e Padilha (cronista); Francisco Luís Ameno (1713-1793), impr., *Auto do levantamento e juramento que os grandes títulos seculares, ecclesiasticos (...) fizeram [a] El Rey D. Josepho I ... em 7 de Setembro de 1750, Lisboa, na Offic. de Francisco Luiz Ameno, 1752.*

### Bibliografia

- BROSENS, Koenraad,

---

<sup>58</sup> Em correspondência para a Corte, D. Luís da Cunha defendia que o dossel devia ser acompanhado de uma cadeira e de um pano para cobrir o bufete pois, embora nem em França nem em Inglaterra se usasse um *Boffete debaixo do dosel (...) isso não* [bastava] *para que se altere o nosso Costume*. ANTT, MNE, Livro 794, 13.10.1727, fl.113.

<sup>59</sup> BACL, Série Azul, Livro 606, Carta de D. Luís da Cunha para a Corte, 07.06.1731. Documento publicado no *BANBA, ob. cit.*, p. 100.

*A Contextual Study of Brussels Tapestry, 1670-1770: the Dye Works and Tapestry Workshop of Urbanus Leyniers (1674-1747)*, Bruxelas, Real Academia de Ciências e Arte da Bélgica, 2004, pp. 249-259.

- CASTEL-BRANCO PEREIRA, João (dir.)  
*Conceber as Artes Decorativas. Desenhos Franceses do século XVIII*, catálogo de exposição na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005-2006, cat. n.ºs 23-24.
  - CRICK-KUNTZIGER, Marthe,  
"Note sur le Trône en Tapisserie du Roi Jean V de Portugal", *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes. Documentos relativos a Ourivesaria – Pintura – Arquitectura – Tapeçaria – Coches, ec.*, II, Lisboa, 1936, pp. IX-XII.
  - DELAFORCE, Angela,  
*Art and Patronage Eighteenth-century Portugal*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
  - DELMARCEL, Guy,  
*La tapisserie Flamande du Xve au XVIIIe siècle*, Paris, Imprimerie Nationale Éditions, 1999.
  - DELMARCEL, Guy e HUYGENS, Frank,  
"A Propos du Tapisserieur Jean-Baptiste Vermillion, du Cartonnier Maximilien de Hase et d'Autres Ateliers Bruxellois du XVIIIe Siècle", *Bulletin du CIETA*, Lyon, Centre International d'Étude des Textiles Anciens, n.º 74, 1997, pp. 147-158.
  - FÜHRING, Peter,  
*Juste-Aurèle Meissonier. Un génie du rococo, 1695-1750*, vol II, Turim-Londres, Umberto Allemandi & C., 1999.
  - MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse (dir. e coord.),  
*Catalogues de la Collection d'Estampes de Jean V Roi de Portugal par Pierre-Jean Mariette*, 3 vols., Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca Nacional de Paris, 2003.
  - MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse,  
*La Politique Artistique Européenne du Roi Jean V de Portugal en Direction de Paris: Sources Raisonnées*, [actas do colóquio *Histoire du Portugal – Histoire Européenne*, Paris, 22.05.1986-23.05.1986], Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1987.
- Les Mariette et le Portugal*, [sep. catálogo], *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português, 1983.
- L'image Ornementale et la Littérature Artistique Importées du XI<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle: un Patrimoine Méconnu des Bibliothèques et Musées Portugais*, Porto, Câmara Municipal, 1983.
- REYDAMS, Ad.  
*Les Reydams, tapisseries bruxellois*, Bruxelas, Vromant Cº, Imprimeurs-Editeurs, 1908.
  - SANTANA, Maria Manuela

*Tapeçarias da Casa Real Portuguesa em Setecentos: a Coleção do Palácio Nacional da Ajuda* [Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras], 2005.

- SERRÃO, Vitor,  
*A Cripto-História de Arte: Análise de Obras de Arte Inexistentes*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.